

Sociologias da Emoção

IESP, 2º Semestre 2015

Prof. Alba Zaluar

Ementa: Ao procurar no índice remisso dos livros de teoria sociológica as palavras emoção, sentimento ou compaixão, encontrei pouquíssimas menções. Mas lendo os clássicos e os contemporâneos, deparei-me com um paradoxo: mesmo sem falar de emoção, todos os mais importantes sociólogos utilizam de uma maneira ou de outra as emoções para interpretar ou entender as ações e interações entre os seres humanos. Até mesmo um conhecido autor da teoria da ação racional (Collins) admite que a emoção é o denominador comum da ação dita racional, não apenas calculada ou instrumentalizada. A mais evidente exceção é Pareto e sua teoria da ação baseada na centralidade dos “estados da mente” ou sentimentos.

Como delimitar, portanto, a sociologia das emoções? Dividi então o curso em três linhas ou abordagens principais – a holista, a individualista e a relacional – para a leitura crítica de como a emoção invade a teoria sociológica e passa a fazer parte dela como um convidado inesperado. Era assim que Lévi-Strauss denominava o cérebro humano, não por acaso. Hoje a neurociência localiza as emoções ligadas à sociabilidade, à generosidade, à solidariedade do homo sapiens na mesma área frontal do córtex cerebral, responsável pela linguagem e pela sociabilidade que garantiram o seu sucesso como espécie num planeta cheio de perigos e armadilhas visíveis e invisíveis. Mas assinala igualmente a permanência e persistência das regiões sub-corticais de onde advêm as emoções muito menos nobres do ódio, do medo, da inveja, do ciúme, responsáveis pela maldade e crueldade, ou ainda as mais inquietantes da depressão e da paralisia, que também acompanharam sempre esta espécie nas suas trajetórias pela Gaia. Além disso, aponta para o que já se sabe ser a função do cérebro: o de mediar a relação do organismo ou do corpo individual com o mundo em que está e em que se encontra com outros organismos e corpos individuais.

Alguns autores, especialmente os teóricos da ação instrumental ou racional, e até mesmo Weber, focalizam a emoção como oposta à racionalidade moderna, ficando ela circunscrita à religião “primitiva”, aos sistemas “pré-políticos” ou às classes “inferiores”. Mas a emoção nunca deixou de fazer parte dos jogos ou dos mundos sociais criados também na sociedade industrial moderna, ou na modernidade tardia, ou na pós modernidade, na era da globalização. Como analisam os diferentes sociólogos a culpa, a vergonha, o sofrimento, a dor, a raiva, o medo e, cada vez mais hoje em dia, o risco e a insegurança? Qual o lugar que concedem à confiança, aos afetos, à solidariedade e à magnanimidade nas suas interpretações sobre as sociedades cada vez mais plurais e misturadas nas quais nativos e deslocados

(migrantes) interagem e criam elos de afeto ou divisões e segregações marcadas pela desconfiança e pelo ódio mútuos?

A emoção também explica as diferentes posturas dos cientistas sociais e suas obsessões com certos temas e problemas. Em Marx, por exemplo, a indignação moral está contida no conceito de alienação, enquanto a esperança está na sua concepção de natureza humana como social e afetiva, para não dizer afetuosa. E isso está mais claro ainda nos autores contemporâneos diante das incertezas, precariedades, terrores, traumas e sofrimentos provocados pelo processo de globalização sem limites legais e controles institucionais.

Parte 1. A emoção considerada como parte do todo social: a exterioridade da própria subjetividade. Os deveres cumpridos pelo indivíduo conformando-se aos seus sentimentos e à realidade objetiva ou à ordem social que ele não criou. As “patologias” surgindo da falta de regras ou do excesso delas. O caminho da felicidade nas limitações dos prazeres individuais pelas normas socialmente aprovadas. Anomia como o grande perigo para todos. O micro embutido no macro em Durkheim. Os estados da mente ou as emoções nas relações entre elites e populares.

Emile Durkheim: “Anomic Suicide”. In: *Suicide*, Free Press, 1953: pp: 241-254.

----- *The Division of Work in Society*, The Free Press, 1969: pp 49-69.

Emile Durkheim : Verbete escrito por John Rex, In: *The Founding Fathers of Social Sciences*, pg.128-135.

Vilfredo Pareto: verbete escrito por John Goldthorpe. In: *The Founding Fathers of Social Sciences*, pg. 110-118.

Parte 2. A emoção como parte do processo de individuação do interesse ou da responsabilidade individual. A ética da convicção ou a ética da responsabilidade. A ordem social criada pelos indivíduos na micro sociologia da etnometodologia.

Max Weber: “Social action and Social Relationship” Excerpt from *The Theory of Social and Economic Organization* , Oxford University Press, 1964: pg. 88-120.

----- “Politics as a Vocation”, In: Gerth, H.H. & Wright Mills, C. *From Max Weber, Essays in Sociology*, cap. IV, pg. 77-128.

Michael Lynch, Mark Peyrot: “Introduction: A reader's guide to ethnomethodology”. In: *Qualitative Sociology*, Summer 1992, Volume 15, Issue 2, pp 113-122

CARVALHO, Bruno Sciberras de. “Individualismo metodológico, racionalidade e ação instrumental: a proposta cognitiva de Raymond Boudon”. *Rev. Sociol. Polit. [online]*. 2010, vol.18, n.37, pp. 111-123.

Parte 3. A emoção como parte de estruturas, sistemas ou redes de relação

3.1 Os homens fazem a sua história mas não como querem, não na circunstância de suas escolhas, mas sob as circunstâncias com que se defrontam diretamente. A experiência e a força do passado, da história. Alienação como o que fragmenta, aparta o ser humano do mundo, de si mesmo, das coisas que ele mesmo cria, da consciência que deveria ter de si e do mundo, o que o automatiza.

Karl Marx: *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*, disponível em <https://neppec.fe.ufg.br/up/4/o/brumario.pdf>

Erich Fromm: "O problema da consciência", "A natureza do homem", "Alienação. In: *Conceito Marxista do Homem*, cap. III, IV e V, pg. 29-63.

3.2. O controle das emoções como parte do processo civilizatório. Processo civilizador abrange tanto a sensibilização para o sofrimento alheio quanto o controle pessoal e social das emoções. Abordagem relacional e processual por meio de conceitos e etos ou habitus que articula o controle social da figuração com a formação subjetiva.

Norbert Elias: *O Processo Civilizador*, vol. 2, Jorge Zahar Ed., 1998 Rio de Janeiro, pg. 193-206

Elias, Norbert & Dunning, Eric. 1993. *Quest for Excitement, Sport and Leisure in the Civilizing Process*, Oxford: Blackwell. Pg.

Wouters, Cas. 2004. "Changing relations of manners and emotions: from disciplining to informalizing", em Loyal, S. & Stephen (Eds), Q. *The Sociology of Norbert Elias*, Cambridge, Cambridge University Press.

Parte 4. A emoção na sociedade pós industrial, pós moderna na era da globalização. A vida emocional à deriva? Sociabilidade, amor ao próximo e confiança postos à prova.

Richard Sennet: *A Corrosão do Caráter, consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*, Record, 2006, cap. 1,5 e 6: pg. 13-34; 89-140.

Zygmunt Bauman: *Amor Líquido, Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*, Zahar Ed., 2003, cap. 3 e 4. Pg. 55-97.

Ulrich Beck: *Risk Society*, Sage, 1992, cap. 4 e 5, pg. 103-138

Anthony Giddens: *Modernity and Self-Identity*, cap. 2 (pag. 34-69), cap. 4 (pag. 109-143), cap. 6 (pag. 181-208).

Parte 5. A voz dos humilhados, ofendidos e sofridos. O medo e o terror e seus efeitos na vida social e política das pessoas afetadas. Os discursos do trauma social e da emoção social como avenidas para a dignidade. O perdão, a anistia e a reconciliação como modos de superar conflitos separatistas.

Appadurai, Arjun 1998. "Dead Certainty: Ethnic Violence in the Era of Globalisation." *Public Culture* no. 10 (2):225-247. Disponível em:

[http://www.arjunappadurai.org/articles/Appadurai Grassroots Globalization and the Research Imagination.pdf](http://www.arjunappadurai.org/articles/Appadurai_Grassroots_Globalization_and_the_Research_Imagination.pdf)

Green, Linda. 1994. "Fear as a Way of Life". In *Cultural Anthropology* Vol.9, No. 2, May, pp 227-256.

Daniel Pécaut. 1999. "From the banality of violence to real terror: the case of Colombia". In: KOONINGS, K. & KRUIJT, D. (eds.) *Societies of fear: the legacy of civil war, violence and terror in Latin America*. London: Zed Books.

Jeffrey Alexander. (Ed.) 2004. *Cultural Trauma and Collective Identity*. Berkeley, Los Angeles, London, University of California Press.

Komatra. C, 2001: "Marginality, Suffering, and Community: The politics of collective experience and empowerment in Thailand". In: Das. Veena, A. Kleinman, M. Lock, M. Ramphale and P. Reynolds: *Remaking a World: Violence, Social Suffering, and Recovery*, University of California Press, Los Angeles, London, pp 31-75.

Blustein, J. 2010. "Forgiveness, Commemoration, and Restorative Justice: The Role of Moral Emotions". *Metaphilosophy*. Vol. 41, No. 4, July. Pp. 582-617.

Teles, Edson Luís de Almeida. "Amnesties, pardons, and national reconciliations". Hannaharendt.net, 2006. Disponível em: <http://hannaharendt.net/research/telesII.html>